

CRISTOLOGIA NOS EVANGELHOS DE MARCOS E MATEUS: UMA BREVE ANÁLISE DA CRISTOLOGIA NARRATIVA

Matheus Ramos de Avila¹

1. Introdução

Explicação sempre foi uma das principais necessidades daqueles que participam de grandes eventos históricos. O que acabamos de presenciar? Por que isso tudo acabou de acontecer? O que tudo isso significa? Provavelmente, aqueles que vivenciaram o evento Cristo devem ter se questionado “quem é esse?”.

Oscar Culmann define a cristologia como “a ciência que tem por objeto a pessoa e a obra de Cristo.”² Tais discussões podem envolver questões a respeito da pessoa, da natureza ou da obra de Jesus Cristo. E estes questionamentos são feitas desde os primórdios da igreja cristã; aliás, estão presentes no próprio Novo Testamento. “Quem dizem os homens que eu sou?” (Mc 8:27) é a pergunta que Jesus faz a Pedro. E essa pergunta, que é uma pergunta cristológica. Este artigo se interessa em compreender como os evangelhos sinóticos respondem ao questionamento “Quem é Jesus?”.

2. Método

Dentre as abordagens que podem ser utilizadas para estudar a cristologia, a forma consagrada de se compreender a cristologia de algum texto, por meio da abordagem chamada de “cristologia titular”, onde se examinam os títulos cristológicos utilizados nos textos estudados. Esta é a abordagem utilizada por Oscar Cullmann em seu importante livro *Cristologia do Novo Testamento*, onde afirma que “só estudando *todos* os títulos atribuídos pelos primeiros cristãos a Jesus se poderá fazer uma ideia da ‘cristologia’ do Novo Testamento”.³

¹ Mestrando em Estudos Bíblicos e teológicos do Novo Testamento pelo Seminário teológico Jonathan Edwards. Pastor Anglicano. E-mail: matheusravila@gmail.com

² Cullmann, *Cristologia do Novo Testamento*, 19.

³ Cullmann, *Cristologia do Novo Testamento*, 23.

Porém, alguns autores tem demonstrado um descontentamento com uma abordagem titular para a cristologia⁴. Como nos alerta Eugene Boring “Embora Marcos não faça uma cristologia sem dar considerável atenção a títulos, ele não faz da descoberta do título apropriado para Jesus o seu método primário de cristologia, precisamente porque pronunciar o título correto ainda pode ser profundamente enganoso (8:27-31)”⁵. Leander Keck constata que a presente aridez no estudo da cristologia se deve a essa “fascinação com a paleontologia dos títulos cristológicos”, afirmando que a atual concentração em títulos tornou “as Cristologias do NT ininteligíveis como cristologias, e insignificantes teologicamente”. Por fim, clamando pelo fim da “tirania dos títulos”.⁶ E em outro lugar ainda adiciona que “os títulos [em Marcos] não possuem um sentido unívoco, mas assumem o seu significado de sua função dentro da narrativa”.⁷

Os defensores da chamada crítica da narrativa têm afirmado que melhor forma de compreender a cristologia presente nos evangelhos sinóticos é estar atento à própria narrativa. David Rhoads chama de crítica da narrativa a utilização de métodos da crítica literária no estudo dos evangelhos e busca-se distinguir os seguintes elementos de uma narrativa: a trama, o conflito, os personagens, o narrador, o ponto de vista, os padrões de julgamento, o autor hipotético, o leitor ideal, o estilo e as técnicas de retórica.⁸ Em contraste com os outros métodos de análise dos evangelhos, a crítica da narrativa “se move em direção a uma ênfase na unidade da narrativa”⁹, salientando a integralidade do texto. Dessa forma, ele defende que “o autor [dos evangelhos] simplesmente não colecionou tradições, as organizou, fez conexão entre elas e adicionou sumários”, uma percepção comum de outras aproximações como a crítica da fonte ou da redação, mas

⁴ É o que Kingsbury, *The Christology of Mark's Gospel*, 53 aponta em sua análise da cristologia de Marcos, que pode ser aplicada aos outros evangelhos.

⁵ apud Malbon, *Mark's Jesus*, 16.

⁶ Keck, *Why Christ Matters?*, 10.

⁷ Boring, *Markan Christology*, 461. Leander Keck (*Why Christ Matters?*) aponta que um estudo da cristologia dominado por um estudo dos títulos reflete uma visão inadequada da linguagem, erroneamente acreditando que uma palavra é idêntica ao seu conceito. Além disso, ele destaca 5 considerações sobre como o estudo dos títulos cristológicos podem atrapalhar a compreensão da cristologia do NT. 1) concentração em títulos não consegue lidar adequadamente com importantes passagens cristológicas onde nenhum título é utilizado; 2) não lida adequadamente com a pluralidade de títulos de um dado texto; 3) a concentração em um título pode desviar a atenção da cristologia que está presente no texto; 4) a cristologia titular tende a enxergar apenas metade da hermenêutica cristológica, permitindo que os títulos conduzam a interpretação, porém falhando em perceber os momentos em que Jesus os reinterpreta, mudando seu significado habitual e 5) acaba minimizando as questões cristológicas que envolvem a relação de Jesus com o Antigo Testamento.

⁸ Rhoads, *Narrative Criticism and the Gospel of Mark*, 412.

⁹ *ibid*, 412.

“o autor contou uma história, uma história dramática com personagens cujas vidas seguimos nos vários lugares por onde viajam e pelos vários eventos em que são apanhados”.¹⁰

Com a abordagem da crítica da narrativa há uma mudança das perguntas que historicamente eram feitas ao texto: O *que* significa este texto? O que ele significava em seu contexto original? Para seus autores? Para seus primeiros ouvintes? Com a crítica da narrativa, a pergunta que é feita ao texto se torna: *Como* esse texto significa? Dessa forma, o inquérito deixa de possuir uma natureza histórica e passa a ter uma natureza literária.¹¹ “Como os vários padrões literários permitem que o texto comunique significado a seus ouvintes e leitores? Como a relação entre os personagens, cenários e ações da trama contribuem para o significado da narrativa para o leitor?”¹² Considerando que a história é o *quê* da narrativa, com seus eventos, personagens, ambientações e a sua interação com a trama; e o discurso é o *como* a narrativa é contada, se referindo a retórica da história contada.¹³

Dinkler enxerga o surgimento de um novo período na pesquisa sobre cristologia na formulação do conceito de cristologia narrativa a partir do ensaio *The Gospel of Mark as Narrative Christology* de Robert Tannehill de 1979 sobre o evangelho de Marcos. Este texto acabou abrindo caminho para que pesquisas equivalentes também fossem feitas nos outros evangelhos. Dinkler afirma que antes de tal publicação, dois tipos de aproximações dominavam a pesquisa sobre a pessoa de Cristo nos evangelhos: a) aproximação por títulos, focando nos títulos usados para Jesus e b) aproximação funcional, focando nas palavras e atos de Jesus.¹⁴

A cristologia narrativa não se preocupa primariamente com os títulos cristológicos, mas surge com a noção de que “nós aprendemos quem Jesus é por meio daquilo que ele afirma e faz, no contexto da ação de outros [...] Nós devemos prestar uma atenção especial para a história principal que unifica todo o evangelho”.¹⁵ E considerando que Jesus é um personagem inserido em uma história, deve-se estar atento à forma como Jesus é apresentado dentro da narrativa dos sinóticos.

Dessa forma, a melhor forma de compreender a cristologia dos evangelhos sinóticos é observar a forma como o personagem Jesus é caracterizado. Caracterização

¹⁰ *ibid*, 413.

¹¹ Malbon, *Narrative Criticism*, 23-24.

¹² *Ibid*, 24.

¹³ *Ibid*, p. 26-27.

¹⁴ Dinkler, *A New Formalist approach to narrative Christology*, 1-2.

¹⁵ Tannehill, *The Gospel of Mark as Narrative Christology*, 58.

refere-se à forma como o narrador dá vida aos personagens de sua narrativa. O narrador pode “contar” sobre como o personagem é ou “demonstrar” isso ao colocá-lo em interação com outros personagens. O narrador revela quem é o personagem ao evocar e sugerir imagens ao leitor, e quanto mais o leitor continua na história, mais profunda se tornam as impressões de que se tem sobre o personagem.¹⁶ Desta forma, “o intérprete reconstrói que tipo de *pessoa* os personagens são por meio das descrições e caracterizações do narrador, da interação com outros personagens, suas ambições e assim por diante”.¹⁷

3. Marcos

Por mais que o evangelho de Marcos expresse diversos interesses, sua força motriz é a cristologia. Marcos usa uma série de títulos, designações e imagens em sua narrativa afim de apresentar Jesus. A melhor forma de compreender o significado destes títulos é a) examinando o significado tradicional que este título possui e b) a sua função dentro da narrativa de Marcos.¹⁸

Preliminarmente, destacamos que Joel Marcus entende que um dos propósitos do evangelho de Marcos é a polêmica cristológica.¹⁹ Ele afirma que o principal dispositivo literário para estabelecer tal polêmica é a confusão, permitindo que o próprio Jesus corrija qualquer mal-entendido a respeito da cristologia. “Isso fica mais óbvio na incapacidade de Pedro em aceitar a noção de um Messias sofredor (8:11-13; cf. 14:40) e em sua falha em compreender o sentido da glória transfigurada de Jesus (9:6).”²⁰ Mas tal confusão não fica restrita a figura de Pedro nas predições sobre a paixão de Jesus, mas Joel Marcus também afirma que a confusão dos discípulos também acaba “ficando implícita também na má compreensão ‘sobre os pães’ (6:52; 8:14-21), que parece demonstrar a sua incapacidade de entender a presença de Jesus na refeição eucarística da comunidade”²¹. Assim sendo, o evangelho de Marcos tem como um de seus

¹⁶ Rhoads and Michie, *Mark as Story*, 101.

¹⁷ Rhoads, *Narrative Criticism and the Gospel of Mark*, 418.

¹⁸ Boring, *Mark*, 248-249

¹⁹ Telford em *The Theology of the Gospel of Mark* aponta três teorias mais populares sobre o propósito de Marcos: 1) parenético; 2) querigmático e 3) cristológico. Ele entende que a terceira opção, sustentada por Norman Perrin é a correta; Joel Marcus também segue a proposta de Perrin.

²⁰ Marcus, *Mark*, kindle edition.

²¹ MARCUS, *Mark*, kindle edition.

propósitos a correção de falhas a respeito de quem é Jesus, nos casos apontados acima, de conceber como o Messias de Israel poderia ter sido crucificado.²²

Além disso, um dos fatos mais curiosos sobre a descrição que Marcos faz de Jesus é a de que ele fazia questão de manter seus atos e sua identidade em segredo. Em Marcos, os demônios constantemente querem falar quem é Jesus, e ele os repreende severamente e os expulsa (1:23-25, 34; 3:11-12), além disso, após milagres, Jesus pede que os envolvidos não espalhem a notícia sobre o que acabaram de vivenciar (1:43-44; 5:43; 7:36), e ele também alerta seus discípulos a não deixarem que a informação de que ele é o Messias se espalhe, mesmo após a confissão de Pedro e da transfiguração (8:30; 9:9). Além disso, Jesus é retratado tentando se afastar da multidão (7:24; 9:30-31), se escondendo de estranhos (4:10-12, 33-34) ou se unindo a seus discípulos para lhes trazer algum ensino secreto (4:13, 34; 7:17; 9:28, 30-31; 10:33; 13:3).²³ O tema do “segredo messiânico” em Marcos se tornou central nos debates sobre o Novo Testamento com a obra de William Wrede, e por mais que suas ideias tenham sido extensivamente debatidas e confrontadas, bem como refinadas, ali se estabeleceu que o evangelho de Marcos está estruturado em torno do tema do “segredo messiânico”.²⁴ Destaca-se que o segredo messiânico é um tema exclusivamente, não seguido pelos outros evangelhos sinóticos que o utilizaram como uma fonte.²⁵

Porém, apesar de Wrede ter cunhado os momentos “secretos” de Jesus em Marcos de segredo messiânico, chama a atenção que este segredo não diz respeito especificamente à messianidade de Jesus, mas a sua filiação divina.²⁶ “A identidade secreta em Marcos não é caracteristicamente um segredo messiânico, mas o segredo de

²² “A teologia de Marcos busca corrigir a tendência de alguns dos membros de sua igreja de esquecer a grandiosa mudança que a morte e a ressurreição trouxeram à tona. Essa “amnésia cristológica” (cf. Martyn, ‘Galatians 3:28) talvez tenha conduzido alguns membros da comunidade marcana a buscarem refúgio nas certezas da lei mosaica (7:17-18). Mas uma preocupação mais generalizada do evangelho é a de que os cristãos marcanos sejam dominados por suas situações de “tribulações tais como não houveram desde o princípio da criação” (13:19), e que eles possam ser tentados, assim como os discípulos no barco sacudido pela tempestade a clamar “Mestre, tu não te importas que nós venhamos a morrer” (4:38). Marcos responde a seu medo e desespero recontando a história de Jesus, que conquistou o vento e as ondas e foi a seus discípulos sobre o tempestuoso mar de morte (cf. 6:45-52); portanto, ele convoca o seu público para uma memória cristológica - em outras palavras, à fé (cf. 4:41).” Marcus, *Mark* 1-8. Da mesma forma, Telford em *The Theology of the Gospel of Mark* aponta as três teorias mais populares sobre o propósito de Marcos: 1) parenético; 2) querigmático e 3) cristológico; ele entende que a terceira teoria é a que melhor explica o propósito de Marcos.

²³ Listagem de versículos disponibilizada por Marcus, *Mark* 1-8.

²⁴ Kingsbury, *Christology*, 8.

²⁵ Boring, *Mark*, 239.

²⁶ Kingsbury, *The Christology of Mark's Gospel*, 13-14; De acordo com N. T. Wright em *Jesus and the Victory of God*, 478, um dos erros de Wrede é simplesmente assumir que “Messias”, “Filho do homem” e “Filho de Deus” significam a mesma coisa.

que Jesus é o Filho de Deus.” é o que conclui Kingsbury²⁷, afirmando ainda que este é o segredo que permanece em suspenso em todo o evangelho, desde seu batismo até a ressurreição, excetuando-se o prefácio do evangelho. Alguns acadêmicos sugerem que a melhor designação para esse segredo não seria “segredo messiânico”, mas “segredo do Filho de Deus”.²⁸

Com o quê então se pareceria uma descrição da cristologia de Marcos de forma narrativa? Robert C. Tannehill desenvolve sua cristologia narrativa em *The Gospel of Mark as Narrative Christology* de 1979 afirmando que devemos prestar a devida atenção especial na história principal do evangelho de Marcos. Dessa forma, deve dar a devida atenção aos eventos que demonstram a realização ou a frustração daquilo que o autor chama de comissões, e tarefas na trama do evangelho.²⁹ A cristologia de Marcos pode ser percebida por meio da caracterização de Jesus.³⁰

E Tannehill define o evangelho de Marcos como “a história da comissão que Jesus recebeu de Deus e o que Jesus fez (e irá fazer) para cumprir essa comissão”.³¹ Na cena do batismo podemos observar Deus falando diretamente com Jesus e declara quem ele é, dessa forma podemos entender que ali Jesus recebe sua comissão. Ao declarar “Tu és o meu Filho”, se é declarado o papel de Jesus na narrativa; tanto que logo depois ele sai em ação cumprindo essa comissão. Isto deve ser levado em consideração sobre o significado do título “Filho de Deus” em Marcos.³² Em 1:16-20 Jesus chama quatro pescadores para segui-lo, ficando clara aqui a comissão dos discípulos. Em 3:6 outro grupo aparece, com a intenção de destruir Jesus, este se tornando o objetivo, ou a tarefa das autoridades religiosas na narrativa de Marcos; tarefa essa que é retomada em 11:18. Portanto, estas são as três comissões ou tarefas que unificam Marcos como uma única

²⁷ *Christology*, 21-22.

²⁸ Boring, *Mark*, 264, onde aponta também as outras opções “segredo dos milagres” e “segredo do reino de Deus”.

²⁹ Sobre a delimitação de uma sequência narrativa Tannehill: “Para meus propósitos, a observação mais importante é que uma sequência narrativa unificada resulta da comunicação de uma comissão para uma pessoa e a aceitação dessa comissão. A sequência narrativa, então, irá se relacionar com o cumprimento ou não cumprimento da comissão. [...] A sequência é finalizada quando a comissão é cumprida ou abandonada de uma vez por todas.” Sobre seu uso de comissão diz ainda “O termo “comissão” é o mais apropriado quando este propósito e objetivo é comunicado de uma pessoa para outra. Sobre tarefas: “Isso [uma comissão/objetivo] nem sempre é indicado na narrativa. Quando ele não é indicado, pode-se simplesmente falar em uma “tarefa””. (Tannehill, 60-61)

³⁰ Tannehill, *The Gospel of Mark as Narrative Christology*, 58.

³¹ *Ibid*, 61.

³² *Ibid*, 61.

narrativa.³³ “Ao cumprir a sua comissão, Jesus assume certos papéis em relação com outras pessoas na narrativa, e a nossa compreensão da cristologia narrativa de Marcos irá avançar ao considerar esses relacionamentos e papeis”.³⁴ Dessa forma, Tannehill defende que uma compreensão cristologia em Marcos somente pode ser compreendida caso consideremos os outros personagens e seus conflitos e relações dentro da própria narrativa. Por isso, deve-se estar atento esses relacionamentos porque “o desenvolvimento narrativo da cristologia de Marcos aparece enquanto consideramos o que Jesus faz e quem ele é em relação a estes importantes grupos”.³⁵

Jesus se apresenta como um “portador da salvação escatológica” ou “benfeitor” para os humanos³⁶; e em seu papel de pregador e mestre, principalmente em relação a seus discípulos, exerce o papel de “influenciador”, compartilhando a sua missão com seus discípulos.³⁷ Em 1:21-28, Jesus se encontra com um espírito impuro, que questiona se Jesus irá destruí-lo; podemos concluir então que “afim de ser aquele que irá trazer a salvação para o povo, Jesus deve ser o destruidor dos poderes que os oprimem”.³⁸ Neste exorcismo também se destaca um contraste entre Jesus e os escribas, com quem haverá controvérsias de 2:1 a 3:6, o que culmina com a declaração em 3:6 de que os fariseus queriam “destruir Jesus”, uma tarefa que estes ““opponentes” de Jesus assumiram para si mesmos”.³⁹ Outro relacionamento importante é o de Jesus com os suplicantes, onde ele o exerce curando e quebrando o poder dos demônios.⁴⁰ Dessa forma, “até 3:6 nós somos introduzidos aos discípulos, aos demônios, aos suplicantes e aos “opponentes” de Jesus com seu plano de destruí-lo [...] Cenas em que Jesus se relaciona com cada um desses grupos se repetem até 8:26 em um padrão aproximado ao de uma rotação”.⁴¹

Em 8:27 – 10:52 há uma mudança e o foco se torna o relacionamento de Jesus com os seus discípulos. A apropriada confissão de Pedro é seguida por uma sequência de cenas que demonstra que os discípulos ainda não compreenderam o seu significado. A confissão de Pedro é seguida de uma nova declaração sobre a comissão de Jesus,

³³ Ibid, 62. O autor ainda destaca que uma quarta tarefa é apresentada em Marcos, o propósito de Deus, sendo Jesus o “ator central no cumprimento do propósito de Deus” (p. 62-63).

³⁴ Ibid, 63.

³⁵ Ibid, 63.

³⁶ Ibid, 63.

³⁷ Ibid, 64.

³⁸ Ibid, 65.

³⁹ Ibid, 66.

⁴⁰ Ibid, 67.

⁴¹ Ibid, 68. Adiciona ainda que “Apesar da rotação de cenas, desenvolvimentos estão tomando o lugar. Embora nenhuma ação seja tomada para avançar o plano de destruir Jesus, sucessivas cenas deixam claro o avanço do conflito e os pontos em questão”. (p. 69).

onde ele afirma que ele deve sofrer, ser rejeitado, morrer e ressuscitar, declaração essa rejeitada por Pedro.⁴² Este anúncio é repetido três vezes neste trecho. Após o primeiro anúncio de sua paixão, Jesus dá uma nova comissão para seus discípulos: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me” (8:34).⁴³ Toda vez que Jesus anuncia sua paixão, ⁴⁴os discípulos demonstram rejeitar esta comissão, “deixando aberto a questão de se os discípulos finalmente aceitarão esse ensino e o seguirão.”⁴⁵ Além disso, no monte da transfiguração, as palavras de Deus para Jesus são repetidas, mas com a adição de “ouçam-no” (9:7), desta vez direcionado aos discípulos.

Neste ponto, Tannehill indica que “as cenas do batismo e da transfiguração demonstram que o título Filho de Deus é o título preferido de Marcos, quando o autor pretende enfatizar a comissão de Deus para Jesus”. Lembrando ainda que este título será confirmado pelo centurião perante a cruz, no momento em que Jesus cumpre a sua comissão, “dessa forma, no começo, no meio e no final do evangelho, o título Filho de Deus possui a função especial de enfatizar a comissão divina de Jesus”.⁴⁶

A partir de Marcos de 11:1 – 16:8, observamos Jesus chegando a Jerusalém, onde seus oponentes voltam a demonstrar a intenção de destruir Jesus.⁴⁷ A ironia está no fato de que por mais que a intenção deste grupo seja opor a Jesus, devido ao fato de que Jesus deve ser rejeitado e morrer em Jerusalém, os oponentes desempenham um papel essencial no cumprimento da comissão de Jesus.

Tannehill chama a atenção dos leitores para que não percam a ironia dramática presente no relato da paixão. Marcos parece enfatizar confissões verdadeiras sobre quem é Jesus apareçam constantemente na boca daqueles que o estão rejeitando: por mais que rejeitem seu senhorio, os soldados proclamam Jesus como o rei dos judeus, o que ele de fato é⁴⁸; em 14:65 Jesus é maltratado e ordenam que ele profetize, mas a ironia está no fato de que a sua rejeição, zombaria e morte estão acontecendo como cumprimento de algo que ele já havia profetizado anteriormente; zombam de Jesus falando “outros ele salvou, mas a si mesmo ele não pôde salvar” (15:31), sendo que ele é quem afirmou que “quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á” (8:35). Dessa forma, ele

⁴² *ibid*, 72.

⁴³ *ibid*, 73.

⁴⁴ *ibid*, 78.

⁴⁵ *ibid*, 74.

⁴⁶ *ibid*, 75.

⁴⁷ *ibid*, 77.

⁴⁸ *ibid*, 79.

conclui que “as cenas de zombaria são cristológicas. Elas secretamente proclamam Jesus como profeta, rei e poderoso salvador que não usa o seu poder para salvar a si mesmo”, sendo que “a verdade proclamada pela ironia é que Jesus cumpre esses papéis enquanto sofre”.⁴⁹

Dessa maneira, o drama da paixão apresenta “desenvolvimentos inesperados nos relacionamentos centrais” da trama. Os oponentes de Jesus auxiliam Jesus a cumprir a sua comissão; os discípulos de Jesus se demonstram como falsos auxiliares, tendo desertado no capítulo 14; e Jesus cumpre a sua comissão, apesar da cena do Getsêmani.⁵⁰ Destaca-se ainda o fato de que os “opponentes” de Jesus não tinham nenhuma acusação legal contra Jesus, até que o sumo sacerdote questiona o até então calado Jesus: “você é o Cristo, o Filho do Deus bendito?” (14:64), momento em que Jesus rompe o seu segredo messiânico e abertamente se reconhece como Filho de Deus, o que resulta em sua morte.⁵¹ Em seu julgamento, Jesus clama para si os títulos Cristo, Filho de Deus e Filho do Homem, e assim o “segredo não é mais necessário, quando os títulos são aplicados ao Cristo da paixão, pois eles são apropriadamente utilizados”.⁵² Dessa forma, a conclusão do centurião resume a percepção que se espera que o leitor tenha sobre Jesus Cristo “verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus” (15:39).

4. Mateus

Como nos recorda Ulrich Luz, o evangelho de Mateus é “uma história que precisa ser lida do início ao fim. Ela se revela apenas quando lida – de preferências muitas vezes, se possível - em sua inteireza”⁵³. Ele afirma ainda que a história de Jesus, em Mateus, é a história de Jesus como “Emanuel” (1:23; cf. 28:20), sendo uma narrativa que nos conta como Jesus é “Deus conosco”. Esta fórmula do Emanuel, uma expressão característica sobre a presença de Deus entre o povo de Israel, demonstra uma concentração cristológica da teologia do Antigo Testamento no evangelho de Mateus.⁵⁴ Considerando que o evangelho de Mateus se inicia com a apresentação do nascimento daquele que seria ‘Deus conosco’ e termina enfatizando a presença contínua de Jesus com seus seguidores até o fim dos tempos, Griffin afirma que cada sermão, milagre e

⁴⁹ *ibid*, 80.

⁵⁰ *ibid*, 84-85.

⁵¹ *ibid*, 86.

⁵² *Ibid*, p. 87-88.

⁵³ Luz, *Matthean Christology Outlined in Theses*, p. 83

⁵⁴ *ibid*, p. 84-85.

interação entre essas declarações demonstram Jesus cumprindo seu papel de Emanuel.⁵⁵ Visto que a história de Mateus demonstra como Jesus é Emanuel, Luz ainda conclui que “a cristologia de Mateus, como um todo, possui um caráter narrativo”.⁵⁶ Como então a narrativa de Mateus caracteriza Jesus?

A caracterização mateana de Jesus segue o ritmo de sua narrativa. Atento aos dizeres “à partir desse momento” que servem como fórmulas de marcação de tempo, que são seguidas por “Jesus começou a” apontando o início de uma nova ação por parte de Jesus, que estão presentes em 4:17 e em 16:21, Jack Dean Kingsbury divide a narrativa de Mateus em três blocos: 1) a pessoa do Messias Jesus (1:1 – 4:16); 2) a proclamação do Messias Jesus (4:17 – 16:20) e 3) o sofrimento, morte e ressurreição de Jesus (16:21 – 28:20).⁵⁷ O primeiro bloco apresenta Jesus ao leitor, em eventos anteriores ao início de seu ministério público na Galileia, tendo como tema central a afirmação de que Jesus é o Filho de Deus.⁵⁸ O segundo bloco sumariza a atividade do ministério de Jesus como que ensinando, curando e pregando (4:23-25; 9:35; 11:1).⁵⁹ Podemos encontrar Jesus convocando Israel para fazer parte de seu reino (4:17 – 11:1), seguida de uma rejeição a pessoa de Jesus (11:2 – 12:50), o que faz com Jesus se afasta do povo (13:1-35) e se volta para seus discípulos (13:36-53), e às vezes confrontando seus oponentes (caps. 14-16).⁶⁰ Por fim, a fórmula em 16:21 nos apresenta o tema do último bloco da narrativa: o sofrimento, morte e ressurreição de Jesus.⁶¹ Neste bloco encontramos os três anúncios da paixão de Jesus (16:21; 17:22-23; 20: 17-19)⁶², de forma que ele inicia sua jornada para Jerusalém onde ele enfim será rejeitado, crucificado, morto e ressuscitado. Em outro lugar, o autor defende que uma das forças de enxergar Mateus à partir dessa estrutura é que ela “leva em consideração o fato de que [o evangelho de] Mateus não é apenas uma coleção de discursos inseridos dentro de uma estrutura, mas, ao contrário, constitui uma composição narrativa.”⁶³

Assim sendo, seguiremos o ensaio *The Figure of Jesus in Matthew's Gospel*, de Jack Dean Kingsbury que faz o exercício de demonstrar como Jesus é caracterizado no

⁵⁵ Griffin, *Matthew's Portrayal of Jesus*, p. 69.

⁵⁶ *ibid*, p. 85. *ibid*

⁵⁷ Kingsbury, *Matthew: Structure, Christology, Kingdom*, p. 9.

⁵⁸ *ibid*, 17.

⁵⁹ *ibid*, 18.

⁶⁰ *ibid*, 20.

⁶¹ *ibid*, 21.

⁶² *ibid*, 22.

⁶³ Kingsbury, *The Figure of Jesus in Matthew's Gospel: A Literary-Critical Probe*, 4.

evangelho de Mateus. Dentre seus objetivos em tal ensaio é o de descobrir onde está o centro da cristologia de Mateus. Para tanto, pretende se utilizar é estará consciente do recurso retórico chamado de “ponto de vista ideológico”.⁶⁴ Rhoads e Michie afirmam que o ponto de vista é algo que está ligado à figura do narrador, visto que é ele quem nos guia pela história, e analisando a forma como a narrativa é construída, o narrador revela o seu ponto de vista. Porém, em uma narrativa os personagens também expressam seus pontos de vista, e saber distinguir entre os pontos de vista de cada um dos personagens e do narrador pode nos dar uma visão mais elaborada.⁶⁵ Além disso, afirmam ainda que o ponto de vista de uma narrativa pode ser observado em quatro planos: 1) o sistema de crenças e valores ideológicos do narrador e de cada um dos personagens; 2) o estilo característico de falar que identifica algum falante; 3) o lugar físico ou ponto na cronologia em que o narrador ou algum personagem expressam algo e; 4) as ações mentais ou estados emocionais.⁶⁶ O conflito emerge justamente pelos pontos de vistas conflitantes e o leitor da narrativa saiba discernir como interpretar e avaliar algum ponto de vista como correto ou falso, a história deve ser governada por um ponto de vista mais abrangente ou consistente, em geral, o do narrador.⁶⁷ Vale também destacar que na narrativa de Mateus, o ponto de vista de Jesus está alinhado com o ponto de vista do narrador. Além disso, da forma como a história é narrada, o ponto de vista de Deus, que é o ponto de vista normativo na história, está alinhado com o ponto de vista de Jesus, bem como do narrador. O ponto de vista de Deus pode ser observado, de maneira oblíqua, na forma como Deus guiou a história na genealogia de Jesus (1:1-17), bem como nas parábolas contra Israel (21:28 – 22:14). De maneira mais direta em quando Deus se torna um “ator” na história no batismo e na transfiguração declarando que Jesus é o seu filho (3:17; 17:5). Isso também acontece nas aparições dos mensageiros de Deus (1:20, 24; 2:13, 19; 28:2, 5-7). Além disso, o ponto de vista de Deus pode ser visto nas fórmulas de cumprimento profético (e.g. 4:5-6; 19:3, 7) e

⁶⁴ *ibid.*, 3.

⁶⁵ “Além disso, podemos ver como os pontos de vista dos vários personagens estão englobados no ponto de vista abrangente e consistente do narrador, que, como o contador de histórias, relata e muitas vezes avalia os pontos de vista dos personagens. O narrador guia o leitor pela narrativa, mostrando o que as autoridades “pensam” sobre Jesus ou o que Jesus “diz” acerca das autoridades ou como Jesus “vê” a fé do aleijado ou como os discípulos estão “com medo”. O narrador apresenta os pontos de vista dos personagens e ao mesmo tempo orienta a avaliação do leitor sobre eles; por exemplo, o narrador pode apresentar o ponto de vista emocional dos discípulos, como o medo, mas o transmite sem simpatia, a partir de um ponto de vista ideológico que trata o medo como uma resposta inadequada [a Jesus].” (David Rhoads and Donald M. Michie, *Mark as a Story*, p. 43)

⁶⁶ David Rhoads and Donald M. Michie, *Mark as a Story*, p. 43.

⁶⁷ Kingsbury, *The Figure of Jesus in Matthew's Gospel: A Rejoinder to David Hill*, p. 63.

quando ele fala por meio do profeta João Batista que é apresentado duas vezes como alguém confiável (3:3; 11:10).⁶⁸ O objetivo de Mateus é fazer com que o leitor do evangelho tenha também um ponto de vista alinhado com o de Deus.⁶⁹

O primeiro bloco da narrativa de Mateus apresenta Jesus ao leitor. O bloco se desenvolve de forma a demonstrar o ponto de vista de Deus sobre Jesus na cena do batismo “este é o meu filho” (3:17).⁷⁰ Mateus começa com uma genealogia (1:1-17), onde o narrador demonstra seu ponto de vista sobre Jesus, ele é o Cristo, ele é o filho de Davi e o filho de Abraão. Kingsbury afirma ainda que Mateus utiliza Cristo tanto como um nome pessoal (e.g. 1:1) quanto como um título (e.g. 1:16-17), mas quando utilizado como um título, traz a ideia de “Rei dos judeus” (2:2,4), “Aquele que haveria de vir” (11:2-3) ou de “Filho de Deus” (16:16, 20; 26:63, 68), além das ligações com Abraão e Davi que são feitas na genealogia (1:16; 1:17). Dessa forma, o contexto deve nos apontar como Cristo é utilizado em cada verso de Mateus. O verso de conclusão traz o sentido central da genealogia, de que toda a história de Israel foi guiada por Deus até ter seu cumprimento com a vinda do Messias.⁷¹

Jesus se torna filho de Davi por causa da adoção de José e, como será demonstrado mais adiante, Jesus cumprirá expectativas escatológicas ligadas a Davi – expectativas reconhecidas pela multidão e negadas pelos líderes judaicos. José deve chamá-lo de “Emanuel”, que aponta para a presença de Deus no meio do povo. Além disso, Jesus é reconhecido como Rei dos Judeus pelos magos e digno de adoração, sendo este o ponto de vista dos magos sobre o pequeno Jesus; Herodes persegue Jesus por causa disso, o que em seu ponto de vista significa que um possível rebelde está surgindo.⁷² Logo após, Mateus foca em João Batista, que profetiza sobre a “vinda daquele que haveria de vir”, um novo Moisés, e logo depois afirma que ele é Jesus;⁷³ este é o ponto de vista de João Batista sobre Jesus. Além de o Espírito ter descido sobre ele e Deus afirmar que Jesus é o seu filho; este é o ponto de vista de Deus sobre Jesus.⁷⁴

⁶⁸ Kingsbury, *The Figure of Jesus in Matthew's Gospel: A Literary-Critical Probe*, 6.

⁶⁹ Ibid, p. 21

⁷⁰ ibid, 7.

⁷¹ ibid, 8.

⁷² ibid, 8-9.

⁷³ Um tema destacado por diversos autores é o de que Jesus é descrito como um novo Moisés. Griffin (p. 76, 2018) afirma que Jesus é descrito como alguém que tem uma história de nascimento parecida com a de Moisés, além de ser o grande legislador, provedor e libertador.

⁷⁴ ibid, 10-11.

O segundo bloco da narrativa de Mateus destaca o ministério de Jesus para Israel (4:17; 9:35; 11:1) e sua reação a ele (11:6; 13:57).⁷⁵ Deus surge declarando seu ponto de vista sobre Jesus, bem como o diabo. A primeira metade deste bloco (4:17- 11:1) apresenta Jesus proclamando o arrependimento em razão da proximidade do reino dos céus (4:17), em seguida ele chama seus primeiros discípulos (4:18-22), logo após sobe a uma montanha e ensina sobre a vontade de Deus (5:1 – 7:29). Então ele performa dez atos miraculosos, ao mesmo tempo que ensina sobre o custo do discipulado (8:1 – 9:34). Logo após ele comissiona os doze para ministrarem a Israel da mesma forma que ele (9:35-10:42).

Na segunda metade do bloco há uma mudança de tom na narrativa e repúdio e questionamentos sobre a identidade de Jesus surgem, tendo como tema principal o repúdio a Jesus - passando por João Batista, as multidões, o povo de Nazaré, Herodes Antipas e por fim os discípulos, e finalizando com a correta declaração de Pedro de que Jesus é o filho de Deus todos questionam a identidade de Jesus. Duas perícopes que tem foco em João Batista e o povo de Nazaré fazem referência a não se ofender por causa de Jesus (11:6; 13:57). Na primeira metade do bloco vemos a fama de Jesus se espalhando, mas na segunda metade não temos indicativos de que o povo tenha “aceitado” Jesus. E então Jesus então começa a falar em parábolas, falando de forma que as pessoas não podiam entender (13:1-35), apenas os discípulos (13:11, 16-17, 36-52). Após ouvir sobre a morte de João Batista (14:1-12), Jesus sai em uma série de viagens passando pelo mar, por terras gentílicas e lugares desertos (14:13, 22, 34; 15:21, 29, 33, 39; 16:4-5, 13).⁷⁶ Após tal fuga, no deserto Jesus alimenta o povo, em mais uma ação que ecoa a Moisés.

O bloco finaliza com a perícopes que serve de clímax desse trecho, a confissão de Pedro em Cesareia de Filipe (16:13-20). Inicialmente Jesus pergunta aos discípulos quem o povo pensa que ele é. A resposta deles demonstra que o povo, por mais que tenham alguma estima por Jesus, tem um ponto de vista incorreto sobre ele. Por sua vez, Pedro dá uma resposta que demonstra estar alinhada com o ponto de vista de Deus, i.e., o ponto de vista de Pedro está alinhado com o ponto de vista de Deus.⁷⁷

O bloco final de Mateus, que concentra a jornada para Jerusalém. As três predições da paixão neste bloco alertam o leitor o que está porvir (16:21; 17:22-23;

⁷⁵ *ibid*, 11.

⁷⁶ *ibid*, 12-13

⁷⁷ *ibid*, 14.

20:17-19), dando coesão para este bloco. Os discípulos já sabem quem Jesus é, mas não compreendem a sua missão, que inclui a sua rejeição. Por isso, seis dias após a confissão de Pedro e a predição de sua paixão, Jesus é transfigurado perante os discípulos e Deus novamente declara quem Jesus é, exortando os discípulos a ouvirem-no (17:5). Dessa forma, “o que os discípulos devem entender em 16:21 - 28:20 é a verdade da própria palavra de Jesus que Pedro repudiou, a saber, aquela sobre sua paixão (16:21-23)”.⁷⁸

Fora das muralhas de Jericó, à caminho de Jerusalém, Jesus é corretamente reconhecido como filho de Davi por pedintes (20:29-34); da mesma forma, na chegada de Jesus em Jerusalém as multidões o recebem clamando que ele é o filho de Davi (21:9), contudo quando são questionados sobre quem é este que está entrando na cidade, respondem que Jesus é apenas um profeta, vindo de Nazaré da Galileia (21:10-11), o que os coloca em contraste com os pedintes de Jericó. De qualquer forma, filho de Davi não se mostra um título apropriado para o Cristo.⁷⁹

Já em Jerusalém, nas parábolas, Jesus conta diversas parábolas que pronunciam julgamento contra Israel por ter rejeitado João Batista (21:28-32) e a ele mesmo (21:33-46), o que deixa o leitor alerta para o perigo de rejeitar Jesus. Na parábola dos “lavradores maus” Jesus se descreve como o filho que será traído (21:33-46). Esta parábola deixou claro para os ouvintes o que Jesus estava afirmando. Por isso eles tentam prender Jesus, mas não o fazem por medo do povo e por considerá-lo um *profeta* (21:46). A ironia se encontra no fato de que se eles realmente prendessem Jesus ali, estariam se colocando na posição dos maus agricultores e dessa forma assumindo também que Jesus era o filho do dono da vinha. Essa parábola aponta para o julgamento de Jesus. Por conta dessa parábola, no julgamento, o sumo sacerdote questiona se Jesus era o filho de Deus (26:63), e ao dar a resposta afirmativa para esse questionamento ele é condenado à morte por blasfêmia (26:65-66).⁸⁰

E aí está a ironia do destino de Jesus. No caso de Jesus, a ironia é que, embora tenha sido feito para morrer por ter cometido blasfêmia contra Deus, seu ‘crime’ foi ousar ‘pensar’ sobre si mesmo como Deus revelou, em seu batismo e transfiguração, que ‘pensa’ sobre ele (3.17; 17.5; 21.37; 26.63-64). No caso do sumo sacerdote e do Sinédrio, a ironia é que, ao condenar Jesus à morte por blasfêmia contra Deus,

⁷⁸ Ibid, 15.

⁷⁹ Ibid, 16.

⁸⁰ Ibid., 17.

eles alegam conhecer o “pensamento” de Deus; ainda assim, mesmo alegando possuir tal conhecimento, eles estão efetivamente negando-o.⁸¹

Perante Pilatos, Jesus é julgado por ter se declarado o rei dos judeus (27:27-31, 42), um título que poderia trazer a dimensão de um rebelde. Mas Jesus também confirma que é o rei dos judeus (27:11). Na crucificação zombam de Jesus “salve a si mesmo”, a ironia está no fato de que ele estava salvando os outros (27:27-31, 42). Por fim, perante a morte de Jesus, e somente após vê-lo levando a cabo a missão que recebeu, soldados romanos exclama: “*Realmente*, este homem era o Filho de Deus” (27:54). De repente estes gentios podem ter um ponto de vista alinhado com o de Deus e estão em posição de se tornarem discípulos de Jesus.⁸²

Dessa forma, Kingsbury declara que apesar de “Pedro e os discípulos em Cesaréia de Filipe compreenderem corretamente quem era Jesus, mesmo assim foram ignorantes sobre sua paixão, os soldados aclamam Jesus como o Filho de Deus no momento onde cumpre sua paixão e, de fato, todo o seu ministério”.⁸³ De fato, “pronunciar o título correto ainda pode ser profundamente enganoso”.⁸⁴

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Boring, M. Eugene. *Mark: A Commentary*. The New Testament Library. Louisville: Westminster John Knox Press, 2006.
- _____. *Markan Christology: God-Language for Jesus?* New Testament Studies, vol. 45, 1999, pg. 451-471.
- Cullmann, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Editora Custom, 2002.
- Dinkler, M. B. *A New Formalist approach to narrative Christology: Returning to the structure of the Synoptic Gospels*. HTS Teologiese Studies / Theological Studies, 73(1), 2017. doi:10.4102/hts.v73i1.4801
- Griffin, Tyler J. *Matthew's Portrayal of Jesus: Son of David, a New Moses, and Son of God*. in: *Thou Art the Christ, the Son of the Living God: The Person and Work of Jesus*

⁸¹ *ibid.*, 18.

⁸² *ibid.*, 18

⁸³ *ibid.*, 19;

⁸⁴ Boring, apud Malbon, *Mark's Jesus*, 16

- in the New Testament*, pg. 67-91. ed. by Eric D. Huntsman, Lincoln H. Blumell and Tyler J. Griffin. Provo: Brigham Young University, 2018.
- Keck, Leander. *Why Christ Matters: Toward a New Testament Christology*. Waco: Baylor, 2015.
- Kingsbury, Jack Dean. *The Christology of Mark's Gospel*. Philadelphia: Fortress Press, 1983.
- _____. *The Figure of Jesus in Matthew's Story: a Literary-Critical Probe*. Journal for the Study of the New Testament. Vol. 6, N° 21, p. 3-36, 1984. doi:10.1177/0142064X8400602101
- _____. *The Figure of Jesus in Matthew's Gospel: A Rejoinder to David Hill*. Journal for the Study of the New Testament. Vol. 8, N° 25, p. 61-81, 1985. doi: 10.1177/0142064x8500802504
- _____. *Matthew: Structure, Christology, Kingdom*. Edition with a new preface. Philadelphia: Fortress Press, 1989.
- Luz, Ulrich. Matthean Christology Outlined in Theses. In: *Studies in Matthew*. p. 83-96, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2005.
- Malbon, Elizabeth Struthers. Narrative Criticism: How Does the Story Mean? In: *Mark and Method: New Approaches in Biblical Studies*, p. 23-49, 2° ed, ed. Janice Capel Anderson and Stephen D. Moore; Minneapolis: Fortress Press, 2008.
- _____. *Mark's Jesus: Characterization as Narrative Christology*. Waco: Baylor, 2009.
- Marcus, Joel. *Mark 1-8: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Yale Bible Commentary, v. 27. New Haven and London: Yale University Press, 2009.
- Rhoads, David. *Narrative Criticism and the Gospel of Mark*. The Journal of the American Academy of Religion, Vol. 50, No. 3, 1982, pp. 411-434.
- Rhoads, David; MICHIE, Donald. *Mark as Story: An Introduction to the Narrative of a Gospel*. Foreword by Reynolds Price. Minneapolis: Fortress Press, 1982.
- Tannehill, Robert C. The Gospel of Mark as Narrative Christology. In: *Perspectives on Mark's Gospel*. Semeia 16. ed. Norman R. Petersen, 1979, p. 57-95, 1980.
- Telford, W. R. *The Theology of the Gospel of Mark*. New Testament Theology. Cambridge: Cambridge University Press, 1999
- Wright, N. T. *Jesus and the Victory of God*. Christian Origins and the Question of God. Volume Two. Minneapolis: Fortress Press, 1996.